

A TRADIÇÃO FILOSÓFICA OCIDENTAL E O UNIVERSO MÍTICO DO SERTÃO: UM POSSÍVEL DIÁLOGO EM “O SANTO E A PORCA” DE ARIANO SUASSUNA

Bárbara Maria Nunes Pereira¹; Flávia Aninger de Barros Rocha².

1. Participante do Projeto Janela de Tomar: Matrizes culturais em narrativas portuguesas e brasileiras - PEVIC, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: b.lettras@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: flavianinger@gmail.com.br

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo, tradição, universo mítico do sertão.

INTRODUÇÃO

Explicitar a natureza dialógica da linguagem, especialmente nos textos literários, constituiu um dos principais objetivos dos estudos de Mikhail Bakhtin, teórico russo que desenvolveu o conceito de Dialogismo. Para esse autor, pode-se observar em qualquer texto um diálogo com outros textos e com o próprio público leitor. Não se trata de um diálogo estrutural, composição literária em discurso direto para indicar uma conversação entre dois ou mais interlocutores, marcado graficamente por sinais de pontuação. Mas, refere-se ao diálogo ideológico entre o presente e o passado; entre as leituras feitas pelo autor, o momento histórico em que ele escreve, a temática que ele aborda e as influências que o seu texto sofre; entre o que o autor escreve e o que os leitores esperam ler; entre tantos outros discursos que podem estar explícitos ou implícitos na produção escrita.

Desse modo, toda obra literária torna-se um difusor de seu tempo através do qual podemos escutar vozes de outros tempos, num fluxo contínuo e dialógico, onde diversos discursos confluem para a ressignificação do mundo e do homem como os entendemos. Esse fenômeno foi observado por T.S. Eliot, que em seu ensaio *Tradição e talento individual* (1989) afirmou que, tomado à parte da tradição a qual ele pertence ou sucede, nenhum artista compõe sua obra ou pode ser “julgado” pela crítica. “Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos.” (Eliot, 1989, p.39).

Assim, cada texto é uma “série de diálogos, tal qual uma gama de relações entre muitos textos e/ou discursos culturais, que se instalam no interior de um discurso específico e o definem” (Zani, 2003) e uma melhor compreensão das obras literárias se dá a partir da análise de quais e como os intertextos oriundos da Tradição são atualizados pelos autores modernos e contemporâneos. Destarte, o sentido profundo das produções artísticas está ligado ao universo simbólico do qual as obras fazem parte e no qual seus autores foram buscar elementos para constituí-las. “A tradição é um imenso caldeirão de ideias, histórias, imagens, falas, temas e motivos. Todos bebem desse caldo, todos recorrem a ele.” (Tavares, 2005, p. 177). Mas cada um contribui com seu talento individual. “Histórias, cenas e versos são sempre os mesmos, por força da Tradição, mas são sempre outros, por força da visão pessoal de cada artista.” (Tavares, 2005, p. 177).

Tratando-se de literatura brasileira, não se pode ignorar a influência e a presença das matrizes culturais ocidentais em nossa produção literária, uma vez que nossa identidade nacional recebeu forte contribuição da

mentalidade ocidental herdada de nossos colonizadores. Essas matrizes manifestam-se em nossa Literatura para além dos aspectos formais e estéticos. Elas influem e se perpetuam em nossa visão de mundo, em nosso jeito de ser e estar no mundo representado nos personagens/arquétipos que permeiam nossas obras literárias, não como cópias de uma cultura estrangeira e arcaica, mas sim como produtos de um esforço antropofágico, de voltar-se para si e reconhecer suas heranças, suas origens, seus antepassados em busca de uma afirmação plena de identidade.

Nesse sentido, Ariano Suassuna, escritor brasileiro, vem se destacando na cena literária nacional justamente por empreender o esforço da busca da Tradição, que Eliot chama de sentido histórico que, por sua vez, além de tornar o escritor tradicional, o torna “mais agudamente consciente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade.” (Eliot, 1989).

Buscaremos ao longo desse trabalho identificar as marcas da tradição filosófica ocidental na peça teatral *O santo e a porca* (1957) de Ariano Suassuna a fim de investigar e entender como esse dramaturgo catalisa os elementos da Tradição clássica e da Tradição popular nordestina, resultando em uma obra de arte original e tradicional.

METODOLOGIA

O presente trabalho será realizado a partir da revisão bibliográfica de textos teóricos que embasam nosso estudo, entre os quais Eliot (1989), e da leitura analítica da obra *O santo e a porca*, bem como das obras às quais se referirem os intertextos rastreados na peça suassuniana. Adotaremos, pois, o método da análise comparada para identificar os diálogos existentes entre a obra contemporânea e as obras da Tradição.

DISCUSSÃO

O subtítulo da peça *O santo e a porca* de Ariano Suassuna publicada em 1957, *Imitação nordestina de Plauto*, assim como a leitura superficial de seu enredo, sugere que a obra é uma paródia da comédia latina de Plauto, *A marmita*, escrita entre 194 e 191 a.C., e que é somente com esse texto da Tradição que a peça suassuniana estabelece um diálogo explícito. Porém a intertextualidade presente em *O Santo e a porca* ultrapassa o caráter de releitura de um texto da Tradição clássica. Suassuna se apropria do mote temático de *A marmita*, história de um homem avarento (mote esse, presente em outras obras da literatura ocidental como em *O avarento* de Molière), e de alguns episódios narrados na peça para criar uma nova obra permeada de elementos da Tradição filosófica e mitológica tanto clássica como popular nordestina.

Na peça de Suassuna são enfatizados: o apego do protagonista Euricão-Árabe à sua porca de barro, herdada de seu avô, onde em segredo ele esconde certa quantia de dinheiro, resultado de anos de dedicação, economia e avareza, e simultaneamente a devoção a Santo Antônio, ao qual Euricão confia a proteção de seu “tesouro”. Porém o medo de Euricão de ser roubado provoca um efeito de tensão que prepara o público para o desfecho trágico em um texto que inicialmente promete ser apenas uma comédia regionalista. No desenlace da peça, Eurico descobre que o dinheiro que havia guardado saiu de circulação há muito tempo e já não tem mais nenhum valor financeiro. Ele então percebe que dedicara sua vida a um fim injustificado e que a confiança que depositava em Santo Antônio para

proteger seu dinheiro de nada o valera. Diante dessa situação, Eurico sente-se traído pelo Santo: “EURICÃO – [...] Foi uma cilada de Santo Antônio, para eu ficar novamente com ele.” (Suassuna, 2007); traído pelas pessoas mais próximas e principalmente por si mesmo, pois por conta do amor à porca Euricão “sacrificou toda a sua existência” e isso, percebe ele, é absurdo: “EURICÃO – [...] estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos [...]” (Suassuna, 2007) e na solidão (in) voluntária, vivendo o seu Getsêmani, encerra a peça indagando ao santo sobre a presença ou ausência de sentido em todas as vicissitudes da vida, ou melhor, na própria vida: “EURICÃO — Bem, e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? [...] Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio?” (Suassuna, 2007, p. 153).

O apego excessivo aos bens materiais que cega e escraviza as pessoas, a consciência da tragicidade do destino e o questionamento sobre o sentido absurdo da jornada humana na terra são temas através dos quais Suassuna estabelece um diálogo com a tradição mitológica e filosófica ocidental: a dicotomia em que vive o protagonista, por exemplo, dividido entre o Santo e a Porca, explicitada no próprio título da peça, revela que essas duas devoções (a Deus e ao dinheiro) são historicamente antagônicas e excludentes segundo a tradição bíblica, e ao optar por condenar o protagonista à desilusão devido a sua dedicação “desmedida” à porca (dinheiro), Suassuna faz coro à voz dessa tradição que afirma que “Ninguém pode servir a dois senhores: ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro.” (Mateus, 6: 24); o processo de conscientização do personagem em relação à sua própria verdade metaforizada pela cegueira e pela visão simbólica encontra alicerce na tragédia *Édipo-Rei* (início do século V. a.C.) de Sófocles, onde o próprio Édipo, assim como Euricão em *O santo e a porca*, declara no momento de maior dor, plena visão, metáfora do acesso à verdade; a inutilidade dos esforços do homem em fugir de sua condição também são temas aludidos na peça que estão presentes em outras obras da literatura ocidental de cunho existencialista, como *A Náusea* (1938) de Sartre e até mesmo no texto bíblico do *Eclesiastes* (por volta do século III a.C.).

Mas é numa narrativa do período pagão que a imagem mítica do destino humano, presente em *O santo e a porca*, encontra sua raiz mitológica: no *Mito de Sísifo*, interpretado modernamente pelo também existencialista Albert Camus (1942). Essa narrativa da mitologia grega nos fala sobre Sísifo, homem que foi condenado a ser “o trabalhador inútil dos infernos”. Os deuses condenaram Sísifo a eternamente empurrar uma pedra até o topo de uma montanha, de onde o rochedo tornava a cair devido o seu peso. “Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.” (Camus, 2008).

Ele estava destinado a repetir eternamente um esforço sem fim nem finalidade. Sísifo é o arquétipo do herói absurdo. A verdade mítica da condenação de Sísifo ilustra a verdade do homem, o custo a pagar pelas idolatrias desse mundo. Mas esse herói grego, condicionado pela força de um destino que lhe foi imposto, encerra sua verdade em si mesmo, ao contrário da personagem Euricão, que, apesar de se sentir condenado e consciente de seu destino, busca ainda o sentido para todo o absurdo no

Santo (em Deus) fazendo ecoar a voz da realidade mítica do homem religioso do sertão, em contraponto ao discurso filosófico existencialista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados analisados, podemos inferir que o trabalho literário de Suassuna se apropria, assim como de outros motivos da cultura, do arquétipo do herói absurdo, animando o mito e o atualizando em *O santo e a porca* na figura de um homem de origem estrangeira, no sertão do nordeste, que vivencia a experiência filosófica da náusea, da solidão e da ausência de sentido e que talvez possa ser superada, conforme o ponto de vista defendido na peça, pela relação do homem com Deus. Esse diálogo possível que Suassuna estabelece entre a tradição filosófica e mitológica ocidental e o universo mítico do nordeste brasileiro é uma característica do talento individual do “autor-criador”, como indica Eliot e evidência do caráter dialógico e, justamente por isso, tradicional de sua obra *O santo e a porca*.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R.; RODRIGUES, S. 2008. *Imitando Plauto - o dialogismo na obra O santo e a porca de Ariano Suassuna*. Revista Ao pé da letra. Vol. 10.2. p. 105-117.
- BÍBLIA Sagrada. 1995. Tradução Ecumênica. São Paulo (SP): Edições Loyola.
- CAMUS, A. 2008. *O mito de Sísifo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- ELIOT, T.S. 1989. *Ensaio*. Art Editora: São Paulo.
- SARTRE, J.P. 1983. *A náusea*. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Coleção Grandes Romances.
- SÓFOCLES. 2008. *Édipo-Rei, Antígona*. Trad. Jean Melville. 2ª ed. São Paulo: Martin Claire. Coleção Obra Prima De Cada Autor.
- SUASSUNA, A. 2005. *O santo e a porca*. 9ª ed. Suassuna. - 9ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio.
- TAVARES, B. 2005. *Tradição popular e recriação no ‘Auto da Compadecida’*. In: SUASSUNA, A. 2005. *Auto da Compadecida – 35ª edição – Rio de Janeiro: Agir*.
- ZANI, R. 2003. *Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo*. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v.p, n.1, p. 121-132, jan/jun.